

“POLÍTICO É CORRUPTO”: DISCURSO, CENOGRAFIA, *ETHOS*

*Maria Silvia Olivi Louzada*¹

O poder de persuasão de um discurso decorre em boa medida do fato de que leva o leitor a identificar-se com a movimentação de um corpo investido de valores historicamente especificados. A qualidade do *ethos* remete com efeito, à figura desse “fiador” que, mediante sua fala, se dá uma identidade compatível com o mundo que se supõe que ele faz surgir em seu enunciado”. (MAINGUENEAU, 2005, p 73)

RESUMO

Na perspectiva da análise do discurso, pretende-se refletir sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a uma posição discursiva. Entende-se que o *ethos* tem uma vocalidade específica que permite relacioná-lo com uma fonte enunciativa e também aos chamados estereótipos sociais. Tomando-se como objeto de análise uma entrevista do senador do PMDB, Jarbas Vasconcelos, veiculada nas páginas amarelas de VEJA, em 18 de fevereiro de 2009, cujo título é “O PMDB é corrupto”, busca-se investigar como as noções de cenografia e de *ethos* constroem identidades políticas no *mass media*. Assim, ao mesmo tempo em que o enunciador busca discursivamente dar de si uma imagem de lisura, de probidade e de ser avesso à corrupção, constituindo um *ethos* discursivo idôneo, recupera um estereótipo nacional em relação à corrupção dos políticos brasileiros referido a um *ethos* pré-discursivo do qual se afasta.

Palavras-chave: Discurso político. Mídia. *Ethos* pré-discursivo. *Ethos* discursivo

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este trabalho admite como seus referenciais teóricos os textos fundadores de Michel Pêcheux (1990) sobre o discurso e, mais recentemente, os estudos de Dominique Maingueneau (2005) sobre cenografia, *ethos* e mídia. Também

adquirem relevância os estudos sobre o discurso político realizados contemporaneamente por Patrick Charaudeau (2005) e Jean-Jacques Courtine (2006).

Nos últimos anos, credita-se a Maingueneau (2005) a recuperação e a redefinição da noção de *ethos* no interior dos estudos do discurso, noção antes referida apenas à retórica. Ele esclarece que recorre a esta noção em virtude de sua reflexividade enunciativa e por implicar uma voz e um corpo enunciante. Para ele, portanto, o *ethos* tem uma vocalidade específica que permite relacioná-lo com uma fonte enunciativa; e também a “um conjunto difuso de representações sociais avaliadas positiva ou negativamente, em estereótipos que a enunciação contribui para confrontar ou transformar: o velho sábio, o jovem executivo dinâmico, a mocinha romântica...” (MAINGUENEAU, 2005, p. 18), a que acrescentamos: o político corrupto.

De acordo com Maingueneau (2005), podem-se distinguir cinco tipos de *ethos*, a saber:

1) *ethos* pré-discursivo: o co-enunciador já detém ou constrói representações do *ethos* do enunciador antes mesmo que ele fale. Isso é verdade especialmente em relação aos discursos midiáticos, em virtude do conhecimento prévio do co-enunciador sobre o *ethos* do enunciador o que lhe permite, a cada novo acontecimento discursivo, confirmar ou não os traços que o identificam: “no domínio político [...] os enunciadores, que ocupam constantemente a cena midiática, são associados a um *ethos* que cada enunciação pode confirmar ou infirmar”. (MAINGUENEAU, 2005, p.71).

Assim, acredita-se que a noção de *ethos* está intimamente relacionada à de identidade de posicionamento (PÊCHEUX, 1990). No que se refere ao discurso político, em especial, a cada nova cena enunciativa, o co-enunciador retoma esse *ethos* prévio e usa-o como um parâmetro, um norteador para realizar a interpretação do discurso que ali se profere. Pode-se dizer que esse *ethos* pré-discursivo pode consistir numa representação prévia de políticos em particular e até mesmo de certos grupos de políticos, tais como os políticos mineiros que, segundo se diz popularmente, “comem quietos”, por exemplo, construindo certos estereótipos sociais.

2) *Ethos* discursivo: o autor admite que o *ethos* tem uma “vocalidade específica” um “tom” que permite relacioná-lo com uma fonte enunciativa. Sobre a

corporalidade do enunciador, explica que se trata de “um conjunto difuso de representações sociais valorizadas ou desvalorizadas, de estereótipos sobre os quais a enunciação se apoia e, por sua vez, contribui para reforçar ou transformar” (MAINGUENEAU, 2005, p.72).

Para Maingueneau, então, a cenografia é bem mais que uma cena teatral, pois uma enunciação se inscreve, se legitima em um interdiscurso; para ele a cenografia e o *ethos* se inscrevem, portanto, enquanto se processa a própria enunciação. O *ethos* participa intrinsecamente da cenografia, emerge dela e só por ela pode ser apreendido e legitimado.

A cenografia, como o *ethos* que dela participa, implica um processo de enlaçamento paradoxal: desde sua emergência, a fala supõe uma certa cena de enunciação que, de fato, se valida progressivamente por essa mesma enunciação. A cenografia é, assim, ao mesmo tempo, aquela de onde o discurso vem e aquela que ela engendra: ela legitima um enunciado que, por sua vez, deve legitimá-la, deve estabelecer essa cena de onde a fala emerge é precisamente a cena requerida para enunciar, como convém, a política, a filosofia, a ciência... (MAINGUENEAU, 2005b, p. 77)

3) *Ethos* dito: segundo Maingueneau (2005, p. 80), “vai além da referência direta do enunciador a sua própria pessoa ou a sua própria maneira de enunciar.” Esclarece, ainda, que o *ethos* dito pode “também incidir sobre o conjunto de uma cena de fala, apresentada como um modelo ou um anti-modelo da cena do discurso”.

4) *Ethos* mostrado: o autor explica que é “impossível definir uma fronteira clara entre o ‘dito’ sugerido e o mostrado não ‘explícito’ ”. (MAINGUENEAU, 2005, p. 82).

5) *Ethos* efetivo: construído pelo co-enunciador no seu discurso, “resulta assim da interação entre diversas instâncias, cujo peso varia, segundo os discursos” (MAINGUENEAU, 2005, p. 82).

Nossa reflexão refere-se às relações entre discurso político e mídias contemporâneas e, especificamente, à análise de cenografias que criam o embate ou a assimilação do *ethos* pré-discursivo ao *ethos* discursivo, visto que se entende que essas noções possibilitam que se faça uma reflexão sobre o processo mais geral da adesão dos sujeitos a uma posição discursiva (PÊCHEUX, 1990).

Sabemos que a corrupção na política brasileira tem sido discutida em duas instâncias: no campo propriamente político – instância política - e na instância midiática ou jornalística, entendida como porta-voz da instância cidadã (CHARAUDEAU, 2005). Na primeira instância, os partidos e seus representantes têm-se posicionado em relação à corrupção por meio de denúncias e promessas de investigações parlamentares (CPI)²; no segundo caso, a mídia divulga de modo espetacularizado (PÊCHEUX, 1990) as práticas percebidas socialmente como corruptas e corruptoras, o que parece indicar que a imprensa reserva para si um lugar e um papel social de vigilante e de controladora das ações do Estado (LOUZADA e LOUZADA, 2009).

Assim, quando as mídias veiculam denúncias sobre os políticos, revelando os seus segredos e mentiras, projetam para si um lugar social importante, pois assumem o papel de porta-vozes da instância cidadã (CHARAUDEAU, 2006). As mídias também detêm papel decisivo, muitas vezes, nos modos de construção - ou desconstrução - das identidades políticas. Courtine (2006) pensa que as mídias sabem que a instância política necessita da encenação, da dramaturgia para conquistar os imaginários sociais::

A fala política é também um conjunto de rituais não-verbais que enquadram o discurso; que agenciam os gestos, regulam os comportamentos, prevêem as circunstâncias, organizam uma *mise en scène*: elementos essenciais da representação política, indissociáveis da tomada de fala, que devem ser considerados se pretendemos compreender verdadeiramente os efeitos de um discurso. (COURTINE, 2006, p.110)

1. VALIDAÇÃO E AFASTAMENTO DE UM ESTEREÓTIPO: “POLÍTICO É CORRUPTO”

Tomamos aqui como objeto de análise uma entrevista do senador do PMDB, Jarbas Vasconcelos, concedida ao jornalista Otávio Cabral e veiculada nas páginas amarelas da revista *Veja*³, em 18 de fevereiro de 2009, cujo título é “O PMDB é corrupto”, a propósito da eleição de José Sarney⁴ à presidência do Congresso no início de 2009.

Jarbas Vasconcelos, senador peemedebista pernambucano, constrói o quadro de seu pronunciamento político ao encenar seu próprio processo

enunciativo: inscreve-se em uma cenografia que o legitima como alguém que pode ocupar a cena política e midiática para usar a palavra, pois frequenta a política brasileira há 43 anos, sempre integrando o PMDB⁵, partido político que surgiu como oposição à ARENA, partido do governo nos anos da ditadura militar no Brasil (1964-1984).

Trata-se de uma inscrição que legitima o enunciador e também o seu co-enunciador, um uso de linguagem, um lugar e momento da enunciação. Assim, todo enunciado deve ser considerado em um quadro interativo, de que participam uma instituição discursiva, uma configuração cultural que implica na determinação de uns papéis e não outros, de lugares e momentos reais de enunciação, um suporte material e um modo de circulação.

A cenografia institui, portanto, os co-enunciadores que produzem um discurso com teor político e cuja cena genérica é uma entrevista, portanto um gênero em que a temática é desenvolvida por meio do diálogo e de retomadas, com frequente alusão a outros acontecimentos discursivos e ao interdiscurso.

O título da entrevista – “O PMDB é corrupto” – retoma interdiscursivamente, confirma e valida o estereótipo social, segundo o qual todo político é corrupto.

Não vamos aqui tratar de gênero discursivo propriamente dito, mas é evidente que o sentido produzido pelo diálogo entre os co-enunciadores retoma interdiscursivamente enunciados tais como “rouba, mas faz”, atribuído à Ademar de Barros⁶, célebre político paulista. Como sabemos, esse estereótipo é muitas vezes reforçado nas inúmeras ocasiões onde o discurso político floresce, em especial na esfera popular. Assim, outros políticos brasileiros são, por assim dizer, incorporados ao estereótipo a cada nova campanha política onde se trocam acusações, se denunciam o mau uso do dinheiro público.

Esse efeito de “incorporação” ao estereótipo, que pode ser também entendido como um efeito de adesão a um posicionamento discursivo, pode ser observado também no início da entrevista do senador Jarbas Vasconcelos à Veja: “Ele diz que o Senado virou um teatro de mediocridades e que seus colegas de partido, com raríssimas exceções, só pensam em ocupar cargos no governo para fazer negócios e ganhar comissões” (CABRAL, Otávio, Veja, 2009). Ou, em suas palavras, a respeito de José Sarney: “De repente, Sarney apareceu como candidato, sem nenhum compromisso ético, sem nenhuma preocupação com o

Senado, e se elegeu. A moralização e a renovação são incompatíveis com a figura do senador” (Veja, 2009). Ou, ainda, ao comentar a eleição e Renan Calheiros para a liderança do PMDB: “Renan é o maior beneficiário desse quadro político de mediocridade em que os escândalos não incomodam mais e acabam se incorporando à paisagem” (Veja, 2009). Ou, mais adiante, quando Veja pergunta e ele responde generalizando:

Para que o PMDB quer cargos?

Para fazer negócios, ganhar comissões. Alguns ainda buscam o prestígio político. Mas a maioria dos peemedebistas se especializou nessas coisas pelas quais os governos são denunciados: manipulação de licitações, contratações dirigidas, corrupção em geral. A corrupção está impregnada em todos os partidos. Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção. (CABRAL, Otávio, Veja, 2009)

Assim, ao acusar seus companheiros de partido, dizendo que a tônica em seu partido é que “Boa parte do PMDB quer mesmo é corrupção”, operam-se outros efeitos de sentido: ao mesmo tempo que se produz um afastamento do *ethos* pré-discursivo do político brasileiro - “político é corrupto”-, produz-se também um efeito de adesão a uma posição discursiva de probidade, de idoneidade relacionada ao *ethos* pré-discursivo do senador Jarbas Vasconcelos. E continua:

Para o senhor, o governo é medíocre e a oposição é medíocre. Então há uma mediocrização geral de toda a classe política?

Isso mesmo. A classe política hoje é totalmente medíocre. E não é só em Brasília. Prefeitos, vereadores, deputados estaduais também fazem o mais fácil, apelam para o clientelismo. Na política brasileira de hoje, em vez de se construir uma estrada, apela-se para o atalho. É mais fácil. (CABRAL, Otávio, Veja, 2009)

O primeiro efeito de sentido produzido é de validação e de manutenção de um *ethos* pré-discursivo do político brasileiro em geral que o refere ao estereótipo mencionado. No entanto, um efeito de perplexidade também é produzido em função desses depoimentos serem referidos a um político conhecido e respeitado pelo seu posicionamento coerente, pelos embates que travou durante a ditadura militar em prol da democracia.

O senhor é um dos fundadores do PMDB. Em que o atual partido se parece com aquele criado na oposição ao regime militar?

Em nada. Eu entrei no MDB para combater a ditadura, o partido era o conduto de todo o inconformismo nacional. Quando surgiu o

pluripartidarismo, o MDB foi perdendo sua grandeza. Hoje, o PMDB é um partido sem bandeiras, sem propostas, sem um norte. É uma confederação de líderes regionais, cada um com seu interesse, sendo que mais de 90% deles praticam o clientelismo, de olho principalmente nos cargos. (CABRAL, Otávio, Veja, 2009)

No caso em análise, o enunciador instituiu um *ethos* discursivo que se descola do estereótipo de político corrupto para marcar uma outra posição discursiva, contrária àquela. São muitos os enunciados da entrevista em que isso pode ser observado:

Como o senhor avalia sua atuação no Senado?

Às vezes eu me pergunto o que vim fazer aqui. Cheguei em 2007 pensando em dar uma contribuição modesta, mas positiva – e imediatamente me frustrei. Logo no início do mandato, já estourou o escândalo do Renan (*Calheiros, ex-presidente do Congresso que usou um lobista para pagar pensão a uma filha*). Eu me coloquei na linha de frente pelo seu afastamento porque não concordava com a maneira como ele utilizava o cargo de presidente para se defender das acusações. Desde então, não posso fazer nada, porque sou um dissidente no meu partido. O nível dos debates aqui é inversamente proporcional à preocupação com benesses. É frustrante.

Por que o senhor continua no PMDB?

Se eu sair daqui irei para onde? É melhor ficar como dissidente, lutando por uma reforma política para fazer um partido novo, ao lado das poucas pessoas sérias que ainda existem hoje na política.

A oposição está acuada pela popularidade de Lula?

Eu fui oposição ao governo militar como deputado e me lembro de que o general Médici também era endeusado no Nordeste. Se Lula criou o Bolsa Família, naquela época havia o Funrural, que tinha o mesmo efeito. Mas ninguém desistiu de combater a ditadura por isso. A popularidade de Lula não deveria ser motivo para a extinção da oposição. Temos aqui trinta senadores contrários ao governo. Sempre defendi que cada um de nós fiscalizasse um setor importante do governo. Olhasse com lupa o Banco do Brasil, o PAC, a Petrobras, as licitações, o Bolsa Família, as pajelanças e bondades do governo. Mas ninguém faz nada. Na única vez em que nos organizamos, derrotamos a CPMF. Não é uma batalha perdida, mas a oposição precisa ser mais efetiva. Há um diagnóstico claro de que o governo é medíocre e está comprometendo nosso futuro. A oposição tem de mostrar isso à população.

O senhor parece estar completamente desiludido com a política.

Não tenho mais nenhuma vontade de disputar cargos. [...] Mas não tenho mais projeto político pessoal. Já fui prefeito duas vezes, já fui governador duas vezes, não quero mais. Sei que vou ser muito pressionado a disputar o governo em 2010, mas não vou ceder. Seria uma incoerência voltar ao governo e me submeter a tudo isso que crítico. (CABRAL, Otávio, Veja, 2009)

Assim, ao mesmo tempo em que o enunciador busca discursivamente dar de si uma imagem de lisura, de probidade e de ser avesso à corrupção, constituindo um *ethos* discursivo idôneo, ou no dizer de Charaudeau (2005), um

ethos de seriedade, recupera um estereótipo nacional em relação aos políticos brasileiros – eles são corruptos – referido a um *ethos* pré-discursivo.

Como se pode perceber, um *ethos* pré-discursivo atua fortemente no âmbito da política, em que os políticos em geral buscam encontrar argumentos e fatos que possam desqualificar seus opositores.

CONCLUSÕES

Entende-se que as mídias, porta-vozes da instância cidadã, participam da esfera de discussão política ao reproduzir em suas páginas esse discurso, especialmente por ser *Veja* uma revista com ampla penetração nacional. As edições posteriores dessa revista publicam muitos comentários de políticos do PMDB sobre a entrevista de Jarbas Vasconcelos, em que escamoteiam as denúncias do senador e até propõem sua exclusão do partido. Por outro lado, a seção destinada à publicação das opiniões dos leitores registra um recorde de mensagens recebidas pelo periódico a respeito dessa entrevista, sendo que, em sua maioria, apoiam as denúncias do senador. Isso parece demonstrar o que dissemos a respeito do lugar e do papel da mídia na sociedade contemporânea.

Acredita-se que a problemática em torno do *ethos*, tal como apontada por Maingueneau em seus muitos trabalhos, em especial dos chamados *ethos discursivo* e *pré-discursivo*, parece sofrer maior complexidade quando se toma como objeto de análise um discurso como o que se elegeu como *corpus* deste trabalho. Nele, a enunciação, pelo próprio modo de instalar-se, inscreve na cenografia um *ethos* discursivo, um fiador do discurso que apreende um *ethos* pré-discursivo que propõe à validação do co-enunciador. No caso em análise, ao mesmo tempo em que o enunciador propõe, confirma e valida pelo discurso um *ethos* prévio referido ao estereótipo de político corrupto, faz emergir da cenografia um outro *ethos* pré-discursivo, o do político sério – um *ethos* de seriedade - que propõe como verdadeiro e como o que deve ser lembrado.

“CORRUPT POLITICIAN”: DISCOURSE, SCENOGRAPHY, ETHOS

ABSTRACT

In the perspective of discourse analysis, it shall be thought about the general process of the subjects' adhesion to a discourse position. It is understood that *ethos* has a specific vocality that connects it to an enunciating source and also to the known as social stereotypes. The object of study is an interview made with a senator of *PMDB*, Jarbas Vasconcelos, published at the yellow pages of *VEJA*, on February 18th 2009, whose title is "The *PMDB* is corrupt", by means of which we intend to investigate how the notions of scenography and *ethos* build the political identities at the mass media. In this sense, at the same time that the enunciator intends to show an image of integrity and of being against corruption, building itself as a correct *ethos*, it is recovered a national stereotype in respect to the Brazilian Politics' corruption referred to a pre-discourse *ethos* from which it is kept away.

Keywords: Political discourse. Media. Pre-discourse *ethos*. Discourse *ethos*

NOTA

- ¹ Doutora em Lingüística e Língua Portuguesa. Líder do GTEDI - Grupo de Texto e Discurso: Representação, Sentido e Comunicação reconhecido pelo CNPQ, atualmente desenvolve pesquisas sobre processos enunciativos e constituição de identidades políticas na perspectiva da Análise do Discurso. Professora permanente do mestrado em Lingüística da UNIFRAN.
- ² Comissão Parlamentar de Inquérito – CPI, instituída pelo Congresso Nacional para investigar casos de corrupção política.
- ³ Nas chamadas "páginas amarelas" de *Veja* é costume entrevistar personalidades brasileiras e estrangeiras que se destacam em vários setores sociais, entre eles, a política. Como se sabe, a revista *Veja* defende um posicionamento marcadamente liberal (LOUZADA, 2007): "Para nós, ser liberal é querer o progresso com ordem, a mudança pela evolução e a manutenção da liberdade e da iniciativa individuais como pedra angular do funcionamento da sociedade". (*VEJA* 2000, *2000 semanas com você*, edição especial, no. 2000, 21 de março de 2007)
- ⁴ José Sarney é político maranhense peemedebista que, indicado como vice-presidente na chapa de Tancredo Neves, pela Frente Liberal, assumiu a presidência do Brasil entre 1985-1990, em virtude do falecimento de Tancredo. Tornou-se, assim, o primeiro presidente civil após a ditadura militar. Seu mandato caracterizou-se pela consolidação da democracia brasileira, com a edição da Constituição Federal de 1988, mas também por uma grave crise econômica, que evoluiu para um quadro de hiperinflação histórica. Seu governo também se notabilizou pelas inúmeras acusações de corrupção.

- ⁵ Vale lembrar aqui que o PMDB construiu-se como um partido político que se confunde com a história política brasileira dos últimos 50 anos: comprometeu-se com os movimentos democráticos da sociedade brasileira que culminaram na abertura política nos anos 1980, marcada pela campanha das “Diretas Já” (1984) e que elegeu o primeiro presidente civil, Tancredo Neves (PMDB); participou da fundação do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA) que defendia a “Anistia Ampla, Geral e Irrestrita” (1978) para os presos políticos. O PMDB também participou da elaboração da Constituição de 1988, mais que isso: quem tem mais de trinta anos deve-se lembrar de Ulisses Guimarães, então presidente da Câmara dos Deputados, com a Constituição “Cidadã” em suas mãos como se fosse um troféu.
- ⁶ Adhemar de Barros (1901-1969) foi três vezes governador de São Paulo, muito conhecido por ser realizador de obras monumentais, como o Hospital das Clínicas e a rodovia Anchieta; no entanto foi alvo de denúncias de corrupção em seus governos: cobrança de propina e o desvio sistemático de recursos públicos. Adhemar de Barros jamais conseguiu dissociar sua reputação como empreendedor da pecha de peculatório, fenômeno sintetizado popularmente na frase “rouba, mas faz”.

REFERÊNCIAS

- CABRAL, Otávio, “O PMDB é corrupto”, **Veja**, , edição 2100, ano 42, nº 7, São Paulo: Editora Abril, 18 fev 2009. Disponível em <http://veja.abril.com.br/180209/entrevista.shtml>. Acesso em 04 jul 2009.
- CHARAUDEAU. P. **Discurso Político**. (Trad. Dílson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu). São Paulo: Contexto, 2005.
- COURTINE, J-J. **Metamorfoses do discurso político: as derivas da fala pública**. (Trad. de Nilton Milanez, Carlos Piovezani Filho). São Carlos: Claraluz, 2006.
- LOUZADA, M.S.O. Discurso político, mídias e cenografia: o “jogo de máscaras” nas capas de VEJA. In: Ana Cristina Carmelino; Juscelino Pernambuco; Luiz Antônio Ferreira.(Orgs.) **Nos caminhos do texto: atos e leitura**. Franca: Editora da UNIFRAN, 2007, p. 169-191. (Coleção Mestrado em Linguística - vol 2.
- LOUZADA, M.S.O. e LOUZADA, R. **Identidade Política, Literatura de Cordel e Interdiscurso**. Anais do 53º Congresso Internacional de Americanistas. Ciudad de México, 19 a 24 de jul 2009.
- MAINGUENEAU, D. Ethos, cenografia, incorporação. In AMOSSY, R. (Org.) **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. Tradução de Dílson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu e Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.
- _____. **Cenas da enunciação**. (Orgs. Sírio Possenti e Maria Cecília Péez de Souza-e-Silva). Curitiba: Criar edições Ltda., 2006.

PÊCHEUX, M. **O Discurso. Estrutura ou acontecimento.** Tradução de E. P. Orlandi. Campinas: Pontes, 1990.